

**A EXPERIÊNCIA PÓS-COLONIAL NA ORDEM RUINOSA DO MUNDO: O  
ESPLENDOR DE PORTUGAL**

1

Fernanda Fátima da Fonseca Santos (USP)

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Salete de Almeida Cara (USP)

**RESUMO:** Na elaboração do pôster que expusemos no XIV Congresso Internacional da ABRALIC, tivemos a intenção de apresentar, resumidamente, os objetivos e o andamento de nossa pesquisa de mestrado, que consiste, de maneira geral, na elaboração de uma análise, pautada na observação das interações entre literatura e sociedade, do romance *O esplendor de Portugal*, de António Lobo Antunes. Trata-se da investigação acerca da visão crítica do colonialismo português e do pós-colonialismo que é traçada no livro. Visão essa que, em nosso entender, abrange uma dinâmica histórica mundial complexa, da qual Angola e Portugal são parte, e ilumina uma rede de rupturas e continuidades relacionadas às certas formas sociais que permeiam essa dinâmica. Além do mapeamento dos contextos objetivos que são, a um só tempo, pano de fundo e sustentáculo da narrativa, buscamos reconhecer alguns dos procedimentos formais que regem a construção da obra e que correspondem às formas sociais sobre as quais ela lança luz. Aqui, portanto, apresentaremos um brevíssimo comentário acerca do romance e o andamento da nossa pesquisa, de uma forma um tanto mais abrangente do que aquela que nos foi possível por meio do pôster.

**Palavras-chave:** António Lobo Antunes. Colonialismo. Pós-colonialismo. Literatura portuguesa.

### **Introdução**

O foco de nossa pesquisa de mestrado é o romance *O esplendor de Portugal*, de António Lobo Antunes, publicado em 1997. No centro dessa narrativa, está uma família de colonos portugueses que viveram, durante os anos do colonialismo, em Malanje, no norte de Angola. Quanto à posição que essa família ocupava no contexto colonial, ela pode ser aferida por meio de diversas referências fragmentárias dos narradores, que nos permitem perceber que ela pertencia a uma camada da burguesia colonial que, embora rica, era subordinada às grandes empresas e ao Estado, e cujas atividades econômicas pautavam-se nos interesses dos monopólios portugueses e internacionais, como o cultivo do algodão e do girassol.

O núcleo familiar de destaque no romance é composto por Eduardo e Eunice, Isilda (sua filha) e Amadeu, e por seus três filhos: Carlos, Rui e Clarisse. Todos esses personagens atuam como narradores, sendo que Isilda e seus três filhos são os narradores principais, cujos discursos intercalam-se ao longo das três partes de que é composto o livro. Essa multiplicidade de narradores que transitam em *O esplendor de Portugal*, entre outras coisas, relativiza a abordagem de determinadas questões levantadas no livro, apresentadas sempre por diferentes perspectivas.

O eixo do livro é, então, a história desses narradores, intimamente relacionada ao colonialismo em Angola e ao contexto pós-independência naquele país e, no caso dos filhos de Isilda, em Portugal. Subjacente a essa história que nos vai sendo apresentada pelos diversos narradores, entrevemos uma representação muito abrangente do colonialismo e do pós-colonialismo, que abarca diversas temporalidades: a chegada dos primeiros colonos portugueses ao interior de Angola, passando pelas relações sociais que se estabeleceram entre eles e os angolanos e entre eles e o Estado português e as grandes companhias internacionais estabelecidas na colônia, as primeiras revoltas dos camponeses angolanos, o contexto pós-independência, a instauração da guerra civil em Angola e a sua internacionalização, o retorno dos colonos a Portugal e, finalmente, o presente da narrativa, situado em 1995.

Quanto à organização formal, de maneira geral, podemos afirmar que existe no romance em questão um acentuado jogo de sobreposições, que se manifesta nos níveis temporal, espacial e da construção fragmentária do discurso dos narradores. Na composição da narrativa, esses movimentos – uma espécie de vaivém de tempos, espaços, situações, imagens e discursos – são desencadeados sempre por imagens do presente vivido pelos personagens e que, de alguma maneira, ligam esses personagens ao seu passado colonial em Angola. A partir dessas imagens, as lembranças surgem em fragmentos diluídos ao longo do texto e com uma força tal que o passado, mais do que ser lembrado, faz-se absolutamente presente, de forma que o distanciamento do sujeito em relação a ele é praticamente anulado. O efeito geral que se obtém a partir disso é a impressão intensa de que os personagens estão pairando numa espécie de vácuo entre o passado e o presente, sem condição de apreender nenhum dos dois e,

muito menos, de vislumbrar alguma possibilidade de futuro. Em consequência desse posicionamento volátil, os discursos de todos os narradores apresentam-se também fragmentados e diluídos. Disso decorrem as interrupções abruptas de frases e parágrafos, a quase total ausência de vírgulas e pontos-finais dentro dos capítulos e a repetição obsessiva de certas imagens motivadoras das lembranças. Tudo isso exige um esforço grande do leitor no sentido de conseguir estabelecer uma lógica narrativa que lhe permita apreender a totalidade dos fatos que ali estão sendo contados e, sobretudo, o seu significado geral.

A verificação minuciosa dos procedimentos formais empregados em *O esplendor de Portugal* tem nos levado a constatar a existência, no livro, da representação de uma visão muito peculiar e complexa a respeito da História do colonialismo e do contexto pós-colonial em que Angola e Portugal inserem-se. Tal visão caracteriza-se, antes de tudo, pelo seu distanciamento em relação a qualquer tipo de maniqueísmo que possa incidir sobre o tratamento das tensões internas e externas às sociedades portuguesa e angolana coloniais e pós-coloniais. Dessa forma, os objetivos de nossa pesquisa de mestrado são, primeiro, explicitar a dinâmica social representada n'*O esplendor de Portugal*, bem como a condução que o desígnio autoral dá a essa representação. Isso quer dizer que, por meio da análise do romance, procuraremos identificar as correspondências entre os seus elementos estruturadores e aqueles que regem a realidade que nele se representa.

Nosso esforço interpretativo é guiado pela noção, proposta por Antonio Candido (2000), de que, na obra literária, os fatores sociais alinham-se entre os fatores estéticos. Assim, investigaremos esses fatores (sociais e estéticos) para compreender a significação do romance ou o que ele nos aponta sobre os impasses surgidos no cerne das experiências históricas nele abarcadas.

## Método

Para alcançarmos os objetivos expostos, nossos estudos teóricos têm caminhado, concomitante e indissociavelmente, em dois sentidos paralelos. Um deles refere-se a questões relacionadas à análise literária pautada na ideia de redução estrutural, de

Antonio Candido, “isto é, o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária [...]” (CANDIDO, 2010, p. 9). Paralelamente, para que consigamos atingir esse nível de análise, fazem-se necessários também o estabelecimento do chão histórico sobre o qual se desenvolve a narrativa e, por conseguinte, o estudo dos contextos históricos que nela são abrangidos.

Tendo em vista a perspectiva do romance que intentamos abarcar em nossa dissertação, nós a dividiremos em quatro capítulos, cujos títulos (ainda passíveis de alteração) e resumos expomos em seguida.

No capítulo I, “Colonialismo e pós-colonialismo no romance de António Lobo Antunes”, localizaremos o autor no âmbito da literatura portuguesa contemporânea que privilegia as questões relativas ao colonialismo e ao pós-colonialismo. Para isso, apresentaremos um panorama geral dessa literatura e, depois, a posição que a obra de Lobo Antunes ocupa dentro desse panorama, ou seja, quais as questões comumente levantadas por ele e o modo como essas questões são trabalhadas em seus romances. Nesse sentido, observaremos, por exemplo, a evolução de sua narrativa entre *Os cus de Judas*, romance publicado em 1979, ainda muito próximo à experiência da guerra colonial em Angola, e *O esplendor de Portugal*, publicado em 1997, já com um relativo distanciamento histórico em relação à realidade do colonialismo. Além disso, no enalço da abordagem acerca dos dois romances citados, apresentaremos detalhadamente nossa visão acerca d’*O esplendor de Portugal* e a sua paráfrase, organizada de maneira a expormos os principais aspectos do enredo e de sua organização e de modo a ratificarmos desde logo nossa leitura. Paralelamente, também estabeleceremos um diálogo com a fortuna crítica do livro, pontuando os principais aspectos observados por ela.

O capítulo II intitula-se “A rede narrativa de *O esplendor de Portugal*” e será dedicado à análise do romance. Aqui, descreveremos alguns dos aspectos formais que participam da construção da visão de mundo que acreditamos ser traçada no livro.

No capítulo III, intitulado “O pós-colonialismo visto a partir de Portugal no final dos anos de 1990”, recolheremos nossas leituras a respeito da conjuntura de Portugal pós-Revolução dos Cravos, portanto, dos anos pós-coloniais. Nossa intenção, com isso,

é montar um panorama das condições históricas específicas em que o romance foi elaborado e que, portanto, atuaram em sua composição.

5

Finalmente, no capítulo IV, “Diálogos críticos”, destacaremos as teorias críticas que servem de base ao nosso trabalho.

### **Resultados e discussões**

A respeito dos objetivos expostos em nossa Introdução, desde já podemos afirmar, no que se refere à visão da realidade arquitetada em *O esplendor de Portugal*, que ela se assenta, em primeiro lugar, na abrangência, dentro do romance, de diversas temporalidades situadas nos anos do colonialismo e no contexto pós-colonial em Portugal e Angola. A partir dessa estratégia formal, focalizam-se na narrativa questões latentes relacionadas ao colonialismo português, como a exploração do trabalho dos camponeses angolanos, a violência nas relações sociais e a posição subalterna dos colonos do norte de Angola em relação ao Estado português e ao grande capital estrangeiro atuante na então colônia. Por outro lado, no que se refere ao contexto pós-colonial, destacam-se a condição dos colonos retornados em Portugal e, no caso de Angola, a permanência de formas sociais manifestas durante o colonialismo, a saber: a exploração e a violência, agora complexificadas, por estarem imbricadas no contexto do capitalismo global, cujos interesses influenciaram sobremaneira a condução da guerra civil nos anos pós-independência.

### **Conclusões**

Uma das principais conclusões que obtivemos até o presente estágio de nossa pesquisa é a localização do pilar sobre o qual se assenta a construção de *O esplendor de Portugal*. Cremos que esse pilar seja a composição, subjacente à complexa rede narrativa do romance, de uma rede não menos complexa de relações causais entre as temporalidades abrangidas no livro, na qual se destacam as linhas de ruptura e de continuidade históricas que sustentam essa rede e que confluem irremediavelmente para o presente catastrófico que se apresenta na narrativa.

Nesse sentido, a primeira grande ironia do livro é o seu próprio título, uma referência ao hino nacional português, cujos versos abrem o romance:

6

Heróis do mar, nobre povo  
Nação valente e imortal,  
levantai hoje de novo  
o esplendor de Portugal!

Dentre as brumas da memória  
ó Pátria sente-se a voz  
dos teus egrégios avós  
que te há-de levar à vitória.

Às armas, às armas,  
sobre a terra e sobre o mar!  
Às armas, às armas,  
pela Pátria lutar!  
Contra os canhões marchar, marchar.<sup>1</sup>

O peso desses versos de abertura reside no fato de que aquilo que lemos nas páginas seguintes caminha justamente na contramão dos discursos exaltadores do projeto colonial português, entre eles, o hino nacional da Pátria.

## Referências

ANTUNES, António Lobo. *O esplendor de Portugal*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

ARANTES, Paulo. *Extinção*. São Paulo: Boitempo, 2007.

BASTOS, Jorge. História do hino nacional. *Ensina RTP*. 2010. Disponível em: <<http://ensina.rtp.pt/artigo/o-hino-nacional/>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

---

<sup>1</sup> A letra do hino nacional português foi escrita em 1890 por Henrique Lopes de Mendonça.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro)

7

\_\_\_\_\_. *O discurso e a cidade*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são? : ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VECCHI, Roberto. *Exceção atlântica. Pensar a literatura da guerra colonial*. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

WHELLER, D. e PÉLISSIER, R. *História de Angola*. Lisboa: Tinta-da-china, 2009.